

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM ESPAÇOS
EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

VICTOR GABRIEL CASTAGNARA

(COM)vivências: aromas de um tempo de metamorfoses

Matinhos, PR
Junho/2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL
PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM ESPAÇOS
EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

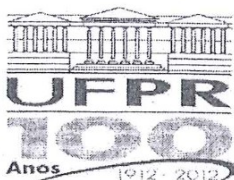
VICTOR GABRIEL CASTAGNARA

(COM)vivências: aromas de um tempo de metamorfoses

Relatório de Projeto de Intervenção apresentado ao programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis da UFPR - Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental.

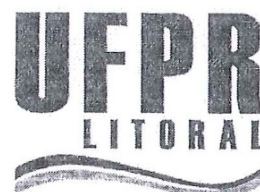
Professora Orientadora: Neusa Maria Tauscheck

Matinhos, PR
Junho/2015



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral

Curso de Especialização Educação Ambiental com
Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis

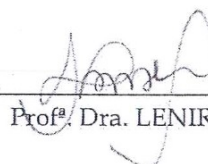


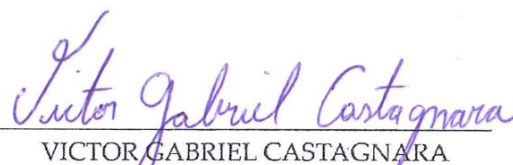
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela Orientadora, Professora Mestre **NEUZA MARIA TAUSCHECK**, realizaram em 26/06/2015 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante **VICTOR GABRIEL CASTAGNARA**, sob o título "*(COM)VIVÊNCIAS: AROMAS DE UM TEMPO DE METAMORFOSES*", para obtenção do Título de *Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo o estudante recebido conceito "APL".

Matinhos, 26 de junho de 2015.


Profª Msc. NEUZA MARIA TAUSCHECK


Profª. Dra. LENIR MARISTELA SILVA


VICTOR GABRIEL CASTAGNARA
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico este trabalho ao João a Maria ao Pedro José
Inácio Pereira Fátima Luiz Gabriel Tainara Guilherme
Luiza Emily Fabinho Léo Maria Neusa Camila
Mariane Davi Emanuelle Emanuel Verônica Lauri
Manasses Jeferson Juliane Ana Élio Marinelli Rose
Ofélia Jucy Lucy Alex Larissa Helrin Jhonny Robert
Leandro Mateus Mateus Samuel Mel Sílvia Lobo Katia
Natália Emerson Deca Carlos Sandra Marcela Mônica
Bárbara Angélica Favi Filinha Kurumin Kaipora
Mingming Lili Minduim Magalide Mimi Sr. Antonino
Tistu Fabiele Caroline Alessandra Paulo Ângela Zan
André Cheila Cleuza Valdo Jussara Paulo Liliani
Antônio Luiz Rodrigo Rodrigo Gilson Édina Ana
Edison Indaiá Iasmim Manó Diego Saramago Mateus
Matheus Nadine Luiza Kelly Jéssica Jéssica Lucas
Neusa Ágatha Mateus Sônia Ogeny Kauã Luiz Maria
Edigar Edicarlos Ivanil Vitor Jéssica Rafael Rosemara
Bruno Branca Preta Nina Baleia Luigi Tammy Soraia
Naila Paulo André Naire Sacha Lúcia Maira Dennis
Pedro Ricardo Rodrigo Vitor Renato Raquel Alessandra
Esher Iemanjá Nhãderu Jean Fátima Jéssica Thalís
Talisson Caio Bruno...

Gratidão

Eu sou

Gratidão

.

.

.

Gratidão

Roubou meu coração

.

.

Amém

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| FIGURA 1 | Primeiros dias na Ilha do Mel. Caso do Farol. | Página 2 |
| FIGURA 2 | Caminho para a Escola Lucy Requião. Vila do Farol até a Vila de Brasília. | Página 3 |
| FIGURA 3 | Proposta pedagógica: brincadeiras indígenas. | Página 6 |
| FIGURA 4 | Mapa da Ilha do Mel. | Página 8 |
| FIGURA 5 | Adesivo da Pousada e Camping Parada Obrigatória. Ilha do Mel-Brasília/Paranaguá. | Página 9 |
| FIGURA 6 | Trapiche Brasília | Página 11 |
| FIGURA 7 | Uma noite no Camping Nossa Senhora dos Navegantes. Brasília-Ilha do Mel. | Página 12 |
| FIGURA 8 | Sr. Hans e seu projeto de educação comunitária. | Página 20 |

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------|-----------|
| Resumo do Relatório | Página 1 |
| Conceito de práxis em Paulo Freire e a Educação Ambiental | Página 2 |
| A Ilha do Mel e a Comunidade de Brasília | Página 6 |
| (COM)vivência | Página 10 |
| Considerações finais | Página 21 |
| Anexos | Página 23 |

(COM)vivências: aromas de um tempo de metamorfoses

Victor Gabriel Castagnara¹, Neusa Maria Tauscheck²

O relatório é resultado da (Com)vivência com a Comunidade Escolar de Brasília na Ilha do Mel. O texto ilustra os amores, aromas, cores e sabores da minha experiência como docente no Colégio Estadual Lucy Requião de Mello e Silva durante o 1º bimestre letivo de 2015 e utiliza como metodologia de reflexão teórica e de registro o conceito de Práxis em Paulo Freire para quem a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando falácia e a prática, ativismo. Os registros das minhas memórias têm me ajudado muito para pensar minha ação docente junto aos educandos. O hábito do diário de campo é maravilhoso pois nos possibilita viajar no tempo através de detalhes que só as palavras podem mostrar. Rememoro aqui experiências que vão ao encontro aos princípios de uma Educação Ambiental que coloca em evidência os sujeitos nos processos de aprendizagem. Uma educação que percebe a complexidade do ambiente e não se restringe aos limites disciplinares historicamente construídos para a reprodução do saber. (Des)encontros entre minhas subjetividades e o real.

Palavras-chave: Educação, Educação Ambiental, Polinização, Ilha do Mel-Paranaguá.

1Estudante do Curso de Pós Graduação em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral. Educador no Colégio Estadual Lucy Requião de Mello e Silva, Ilha do Mel-Paranaguá. Bacharel em Gestão Ambiental (UFPR Litoral) e Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia (UNINTER). Contato: castagnara@live.com.

2Professora polinizadora.

CONCEITO DE PRÁXIS EM PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Tenho bastante tempo durante minhas caminhadas matinais até a escola para receber os primeiros raios de sol da manhã. Pelo menos quando ainda morava na Vila do Farol, em frente à Pousada das Meninas. Tenho mil palavras para agradecer o privilégio que eu tenho de todas as manhãs ser agraciado pela natureza, pelo sussurro do mar.

Primeiros dias na Ilha do Mel – Casa do Farol



Foto: Fátima Guarani Kaiowá

São nesses momentos que tenho a oportunidade de me integrar com a natureza, com os pés descalços na areia e refletir sobre mim, sobre minha ação no mundo e com o mundo. Ficar consigo mesmo possibilita voos estratosféricos, bateres de asas de borboletas. Bater de asas que podem provocar tempestades, num efeito borboleta.

Lua Cheia

De pé na areia

Num momento

Encantadas

Encantou

Desgrudei

Como um velcro
Da materialidade do corpo

Sentia as correntes de ar
Que se dividiam
No Canal da Galheta

Voava
Sem vassoura
Só
Com as poucas penas
Das minhas asas

Caminho para a Escola Lucy Requião. Vila do Farol até a Vila de Brasília.



Foto: Fátima Guarani Kaiowá

Quando penso sobre o conceito de práxis tenho sempre em mente a possibilidade de melhoria na minha condição como Humano na Terra. Penso que cada momento de

nossa existência é permeado por frequentes equilíbrios e desequilíbrio, provocados a partir da nossa relação com o meio em que vivemos. Desequilíbrios estes que nos movem em direção a utopias³. Segundo Stoltz (2012) a construção de nossa inteligência e de nossa compreensão da realidade processa-se a partir da adaptação e da organização.

Já tive a oportunidade de trabalhar em algumas instituições de ensino formais no Litoral do Paraná, todas elas em municípios diferentes. Em cada espaço educador, preciso passar pelos processos de adaptação⁴ e organização do meu pensamento a partir do novo contexto social que me inseri. Quando consigo organizar meu pensamento, com base em questões reais do espaço, percebo que a aprendizagem ganha sentido e base sólida para construções mais complexas e abrangentes da realidade.

No dicionário eletrônico Significados.com:

Práxis é uma palavra com origem no termo em grego *praxis* que significa **conduta** ou **ação**. Corresponde a uma **atividade prática em oposição à teoria**. Este termo é abordado por vários campos de conhecimento, como filosofia e psicologia, que classificam práxis como uma atividade voluntária orientada para um determinado fim ou resultado. Vários pensadores mencionaram o conceito de práxis nas suas obras, como Karl Marx e Jean Paul Sartre, este último na sua obra intitulada *Critique de la Raison Dialectique* (Crítica da Razão Dialética). A palavra práxis também pode remeter para um movimento de vanguarda da poesia brasileira, que teve origem no início da década de 60 do século XX e que foi liderado por Mário Chamie. (Significados.com)

O conceito de práxis em Paulo Freire vai ao encontro de uma ação educativa em que a teoria sem a prática acaba se tornando verbalismo, assim como a prática sem a teoria, ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade. A práxis pode vir, portanto, como produtora do saber da experiência, saber esse que, segundo Larrosa (2002) difere do que hoje entendemos por conhecimento:

Atualmente, o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar; e algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estreitamente pragmático,

³Utilizo a palavra UTOPIA na frase a partir do pensamento do grande Filósofo Latino Americano Eduardo Galeano: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

⁴Adaptação no sentido da integração/interação com o espaço-tempo vivido.

num sentido estritamente instrumental. O conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro. Recordem-se as teorias do capital humano ou essas retóricas contemporâneas sobre a sociedade do conhecimento, a sociedade da aprendizagem, ou a sociedade da informação. (Larrosa, 2002, p. 27).

Nas práxis nos envolvemos, nos permitimos a experimentar, sentimos o que nos é apresentado, e nos transformamos conforme nossa receptividade aos acontecimentos. Nas práxis conhecemo-nos a cada suspiro de vida. Nas práxis, as informações teóricas perdem sentido para dar lugar ao conhecimento polinizador de sensações, às maturações e às relações humanas construtoras de um saber, não mais deslocado, mas essencial.

Quando a educação carrega o adjetivo ambiental, levo em consideração, portanto, além da relação sociedade/indivíduo – meio ambiente, a abertura passiva, sensível e atenciosa dos sujeitos para com o espaço em que (Com)vivem. Até que ponto estamos prontos para sentir a natureza sem ser sobre a ótica da racionalidade taxonômica. Uma racionalidade que classifica e hierarquiza os elementos da natureza, incluindo aqui as culturas humanas. Em seu texto, Freinet, ano nos conta:

Depois, na prática, percebe-se, e eles também são obrigados a se dar conta disso, que seu conhecimento só se baseava nas peças da máquina, sem absolutamente penetrar o segredo de seu funcionamento; contemplaram a natureza a sua volta, sem se familiarizar com o misterioso dinamismo que agita e transforma. Então, tentam apesar de tudo aplicar seus princípios, pôr em funcionamento o mecanismo que acreditam conhecer. (FREINET, 1998, p. 33).

Sobre isso, a Escola Lucy Requião, sobrevive sobre os princípios de uma racionalidade taxonômica que fragmenta o “tempo de aprendizagem” gerando um rompimento no dinamismo e funcionamento da natureza local. Uma racionalidade, como nos conta Freinet, advinda deles, deles que não vivem a realidade e especificidades do ambiente escolar, deles que utilizam de suas forças de trabalho para decretar burocracias que mecanizam nossas vidas. A escola, ao invés de se constituir com base no fortalecimento comunitário das práticas historicamente constituídas, funciona como uma matriz que alheia os sujeitos do dinamismo local. É clara a insatisfação por parte de alguns estudantes com maior voz ativa com relação ao modelo e funcionamento da escola que vivem. Segundo um estudante do 1º ano do Ensino Médio, as salas poderiam ser temáticas, de forma que cada um poderia buscar o conhecimento com base nos seus interesses.

Uma estratégia muito interessante que estamos adotando no grupo da 7ª série do Ensino Fundamental é autonomia para os estudantes construírem seus “planos de aula” com o objetivo de compartilharmos conhecimentos e habilidades pessoais. Em um dos encontros, uma estudante nos conduziu à uma viagem sobre as brincadeiras de criança dos povos indígenas. Sua proposta era irmos até a praia para brincarmos do que “eles” brincavam. Brincamos de força e resistência, brincamos da árvore dos Gaviões, desenhamos na areia, gargalhamos. Brincadeiras estas, advindas de uma pesquisa realizada pela estudante um semana antes da nossa saída.

Proposta pedagógica: brincadeiras indígenas



Foto: Victor Gabriel Castagnara

A ILHA DO MEL E A COMUNIDADE DE BRASÍLIA

Desde o primeiro dia em que fui morar na Ilha do Mel estive à procura de experimentar esse Mel tão famoso que a Ilha teria para oferecer. Não falo aqui do alimento, nem da Cannabis, como me questionou um estudante ao ler a letra da paródia que escrevo a seguir. Falo aqui do Mel que vem do trabalho cooperativo das abelhas nativas, falo do amor.

Cadê o Mel?

Sai de caminhada

*Pela Baía
De Paranaguá*

*Procurando uma escola
Um lugar tranquilo
Pra gente morar*

*Pouco, pouco, pouco Mel
Pouco, pouco, pouco Mel
Assim não vai dar*

*Pouco, pouco, pouco Mel
Pouco, pouco, pouco Mel
O professor vai pirar*

*Perguntei pro João
Perguntei pra Larissa
E pra Tainará*

*Aonde mora a abelha
Abelha nativa
Para polinizar*

Paródia da Música Cogumelos Azuis. Ventania⁵

A Ilha do Mel é um lugar maravilhoso, está localizada bem no meio da entrada da Baía de Paranaguá, imersa num paraíso de belezas naturais, com exceção da TECHINT⁶ e do Porto de Paranaguá. Apesar da Ilha pertencer ao município de

⁵Ventania, nome artístico de *Wilson da Silva* (Pariqüeraçu, 21 de agosto de 1962), é um cantor andarilho cuja inspiração vem do movimento hippie, dos anos 60 e 70. Atualmente mora em São Thomé das Letras. Uma das mais importantes influências musicais de Ventania é o cantor e compositor Raul Seixas, o "Raulzito", marco histórico do rock nacional e da mistura com influências "alternativas".

⁶No site do Grupo TECHINT aparece a seguinte apresentação: “Companhias com operações em diversos países do mundo, líderes globais ou regionais em seus setores de atuação, com profundas raízes nas comunidades nas quais operam. Cada uma possui seus próprios objetivos e estratégias, mas compartilham uma filosofia de compromisso a longo prazo com o desenvolvimento local, assim como com a qualidade e a tecnologia: este é o Grupo Techint.”

Paranaguá, tem um acesso mais rápido via Pontal do Sul, balneário do município de Pontal do Paraná.

Mapa da Ilha do Mel

Fonte: <http://www.caraguata-ilhadomel.com.br/img/ilha-do-mel-mapa.jpg>

Apropriação do discurso da sustentabilidade e do desenvolvimento local por quem está atrelado a uma lógica de exploração e alienação do trabalhador na indústria. No caso aqui de Pontal do Paraná a Multinacional Italiana trabalha dentro da cadeia produtiva da engenharia naval e de exploração de petróleo.

para a realização das atividades letivas. Situação que têm gerado inúmeros conflitos de uso e gestão do espaço escolar. O que deveria ser uma situação favorável para a articulação dentre os diversos “níveis” de ensino, ainda não é bem aproveitado, talvez por falta de tentativas.

Atualmente moro na Vila de Brasília na Pousada-Camping Parada Obrigatória. Moro com mais dois Professores da Escola além das pessoas que já residiam ali. A pousada fica bem na frente do Colégio Lucy Requião, entre o Mar e a Escola. Perto também moram alguns estudantes e pescadores anciãos.

Adesivo da Pousada e Camping Parada Obrigatória. Ilha do Mel-Brasília-PR



Foto: Victor Gabriel Castagnara

A comunidade de Brasília segue um ritmo de vida bem tranquilo. Todo fim de tarde tem o futebol na Praia do Farol. Algumas vezes sou surpreendido com sotaques bastante exóticos perambulando pelas ruas de areia. Diferente da Vila do Farol, Brasília não está tão inserida na lógica do turismo exploratório, apesar de alguns moradores já estarem pensando em vender suas propriedades, alegando dificuldades em viver na Ilha.

Como em toda (quase toda?) comunidade pequena, os assuntos correm muito rápido. Principalmente quando chegam pessoas novas no local, como eu. Viramos o centro das atenções. Todas as nossas atitudes estão sendo observadas e comentadas pelas esquinas. Isso sem contar o fato de eu ser professor na Escola, questão que só amplia o

foco de atenção no meu dia a dia. Confesso que isso me incomoda muito e que não estou sabendo como lidar com essa situação ainda. A privacidade é artigo de luxo!

(COM)vivência

É minha primeira experiência docente com as séries finais do Ensino Fundamental e com o Ensino Médio. Só não foi tão nova a experiência pelo fato de eu já ter cursado essas séries na escola e as coisas não mudaram muito de figura desde então. Logo que assinei o contrato de trabalho no Núcleo de Educação já sabia que para o bom desenvolvimento das atividades, morar na ilha seria a melhor opção.

Terra firme

Camiseta amarrada na cabeça

Pés descalços na areia

Finalmente

Chegou a hora

No meio do caminho tinha um tronco

Acendo um cigarro

Me despedindo do Sol

- E aí fera, tem um beck aí?

- Não tenho, mas também queria um!

Última tragada

Bicicleta a vista

Peço uma carona

Conheço o Wellington

E a primeira aula começa

Trapiche de Brasília.



Foto: Fátima Guarani Kaiowá

Armei acampamento no Camping Nossa Senhora dos Navegantes, bem próximo ao Colégio Lucy Requião. Naquela noite, cheia de expectativas, demorei para dormir. Amanhã teríamos o primeiro encontro do ano.

Ah! Eu sabia

Sabia que essa noite seria longa

Entra na Barraca

Sai da barraca

Acende um cigarro

Um gole de vodka

Amanhã é o grande dia

Esperei muito por essa oportunidade

Já caminhei até o trapiche

Conversei com as estrelas

E com o Mar

Pena que a Lua não deu o ar da graça

Já estou com saudades

Queria você aqui

Pra dividir toda essa expectativa

*Esses ensaios e anseios
Ainda bem que seu cheiro ficou no cobertor verde*

*Três minutos para as 11 horas
O gato rajado ronda
Uma chuva de folhas secas se encarrega da música
Escorregando pelos lados da barraca
O relógio na percussão
Junto com meu coração*

Uma noite no Camping Nossa Senhora dos Navegantes. Brasília, Ilha do Mel.





Fotos: Fátima Guarani Kaiowá

Naquela aula eu estava um tanto ansioso, queria saber sobre cada uma daquelas pessoas que me aguardavam em suas carteiras enfileiradas. Falei muito mais do que eles, imaginava que o diálogo iria fluir mais, me entreguei sem muitas réplicas nem tréplicas, me propus a ler um pouco dos meus poemas, já que falava sobre a importância da escrita de si. Li então o texto sobre a minha primeira noite na barraca. Antes de terminar o encontro pedi pra turma que me trouxesse na próxima aula as reflexões para algumas perguntas que escrevi no quadro: Quem sou eu? O que eu gosto? O que eu não gosto? Onde estou? O que eu faço aqui? Por que estou aqui? Como é meu cotidiano?⁷

Morar na Ilha do Mel nos traz uma paz ancestral

Conexão

Umbilical

Mãe Terra

Exalando aromas

de liberdade

⁷No dia 20 de março, já no nosso segundo encontro, os estudantes da 2ª série do Ensino Médio trouxeram alguns textos referentes às atividades “escrita de si”. Transcrevo aqui (nos anexos) alguns dos trabalhos e trago uma pequena reflexão sobre a importância do autoconhecimento para a aprendizagem nessa dimensão terrestre.

Bom dia sol! 10 da manhã, um sol maravilhoso na Ilha, a praia me chama. Depois de um cafezão preto com muitas frutas, chamei o Paulo Freire pra passear. Que bela companhia. “Educação e Mudança!”.

Era bem isso que eu precisava ler, nossa que injeção de autoestima, o Paulinho sempre consegue me colocar pra cima. Me encoraja a enfrentar os desafios dessa instituição escolar medieval. No prefácio do Livro Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários para a prática educativa, também do Sr. Freire, Edina Castro de Oliveira escreveu:

“A sensibilidade com que Freire problematiza e toca o educador aponta para a dimensão estética de sua prática que, por isso mesmo pode ser movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber-da-competência.”

Bom, de manhã encontrei uma professora do município, o papo foi o de sempre, sobre como os assuntos correm rápido na ilha. Ela era uma professora da escola do continente (Paranaguá) e conseguiu transferência para a Ilha com a expectativa de melhoria na qualidade de vida.

Já aproveitando para estabelecer as “redes sociais” contei para a professora sobre um livro que havia trazido na última ida ao continente: Meus Contos Africanos – Seleção Nelson Mandela. Falei para ela sobre meus dias de folga e minha paixão pela educação infantil. Pronto! Combinamos de na próxima quarta feira de construirmos um espaço de contação de história. Na semana seguinte fui lá contar a história da Gata que subiu no telhado, mas quem acabou contando a história foi Sofia, ela nos contou a história da Cinderela. Nos contava ao mesmo tempo em que representávamos os personagens e o cenário por entre os pequenos móveis das primeiras séries do ensino fundamental.

O espaço de contação de histórias pode vir a ser um eixo pedagógico de diálogo com a Lei nº10.639/2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. A evidência para os conhecimentos historicamente marginalizados pela racionalidade ocidental é um dos pilares fundamentais para a construção de um projeto político pedagógico libertário.

A professora continuou sua caminhada matinal e eu continuei ali na toalha sobre a areia da praia, sentei, abri o livro. A praia estava quase deserta, um casal de mulheres a esquerda toando sol e dois pescadores preparando a rede para trabalhar. Gente! Parece que era bem esse livro que eu precisava ler. Anotei alguns trechos que dialogam bem com a atual conjuntura da escola em que estou trabalhando.

Alguns trechos fazem parte do prefácio do livro, escrito por Moacir Gadotti⁸ em 1979, mas antes, destaquei também alguns trechos da capa escritos por Jorge Werthein⁹.

“Paulo Freire nos alimenta com uma análise das possibilidades que detém o sistema educacional no processo de mudança da sociedade.”

“O homem que busca através da educação a superação das suas imperfeições”

Lembrei logo de uma música do Gilberto Gil¹⁰ “Meio-de-campo”.

*Prezado amigo Afonsinho
eu continuo aqui mesmo
aperfeiçoando o imperfeito
dando um tempo, dando um jeito
desprezando a perfeição
que a perfeição é uma meta
defendida pelo goleiro
que joga na seleção
e eu não sou Pelé nem nada
se muito for, eu sou Tostão*

Fazer um gol nessa partida não é fácil, meu irmão

Continuando com as citações empolgantes da minha leitura matinal:

“A base fundamental do trabalho educativo e de conscientização é o estabelecimento de uma relação íntima, dialética com o contexto da sociedade onde se desenvolve este processo... teoria e práxis carregada de otimismo.”

⁸Gadotti é licenciado em Pedagogia e Filosofia, mestre em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (Suíça) e livre docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

⁹Jorge Werthein dirigiu a UNESCO no Brasil de 1996 a 2005 e, hoje, ocupa a vice-presidência da Sangari Brasil, empresa sediada em São Paulo que desenvolve métodos inovadores de ensino de ciências para crianças e adolescentes, com filiais na Argentina e nos Estados Unidos.

¹⁰Gilberto Passos Gil Moreira foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-Ministro da Cultura do Brasil (2003–2008).

Sabe, é bem isso mesmo, se eu for me deixar abalar pelas mazelas do sistema educacional como ele é, vou acabar com as minhas energias, enquanto que preciso me preocupar com a minha relação com as crianças e com a Ilha como uma sociedade mais complexa que somente a situação escolar. Por isso morar no local é fundamental.

“Abrir os muros da escola para que ela possa ter acesso à rua, invadir a cidade, a vida, parece ser ação classificada como não pedagógica pela “pedagogia tradicional””.

Já estava lendo os textos com a cabeça lá em Matinhos, mas especificamente na Fátima, que sempre constrói comigo lindos diálogos sobre educação e principalmente sobre política local. Achei um trecho no livro que estava lendo do Paulo Freire que ilustra bem nossos papos de abelhas polinizadoras.

“E na ordem classista, educar, no único sentido aceitável, significa conscientizar e lutar contra essa ordem, subverte-la.”

No meu celular, sempre muito gentil e delicada, recebo poemas de amor e luta!

“Que as deusas meu orientem para abrir as portas para a vida

Me ascendendo a esperança e a confiança

Para caminhar rumo ao inusitado

Sentimentos

Ouvindo a voz do coração

E ser livre no jardim da vida

Amando e sendo pura de alma

Me livro do apego

Arrependimento e tristeza

Sendo filha do vendo

E sendo uma bruxa cigana por essência

Amém!”

O sol já queimava a cuca e o estômago já reclamava por tê-lo deixado esperar por muito tempo. Bora para casa comer e escrever ao som das minhas novas caixinhas de som!

Antes disso aproveitei o caminho para conhecer o Correio, pegar o CEP local (83251-991 – Brasília – Ilha do Mel), a lojinha alternativa, com seus preços exorbitantes e a CAB (Companhia de Águas de Paranaguá). Perguntei para a técnica administrativa da CAB sobre o funcionamento da distribuição de água e tratamento de esgoto local. Segundo ela o esgoto funciona a partir de fossas individuais mesmo e sobre o tratamento de água ela me indicou falar com o Supervisor da ETA da Ilha.

Fui então até a ETA de Brasília e marquei uma reunião com o supervisor para a próxima segunda feira (30/03). Falei com ele sobre meu interesse de compreender o funcionamento da estação local e sobre meu interesse em trazer os estudantes do ensino médio numa possível saída de campo. Ele me aconselhou a enviar um e-mail para a central em Paranaguá para agendar um encontro.

Boa tarde, Conversei com o Supervisor da ETA da Ilha do Mel, Sr. Alexandre sobre a possibilidade de construirmos uma visita técnica com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Lucy Requião de Mello e Silva - Brasília. A visita teria como objetivo os estudantes conhecerem e compreenderem todo o processo de distribuição de água na Ilha. Ele me orientou encaminhar via e-mail um ofício para que pudéssemos marcar a visita técnica na Estação de Tratamento da Ilha do Mel em Brasília. Da nossa conversa, nos disse que poderíamos marcar uma data no mês de Maio. Gostaria de saber quais são os procedimentos para que possamos agendar esse encontro.

Prof Victor

Ciências Humanas

Colégio Lucy Requião

Bom dia Professor Victor!

Recebemos sua solicitação, através do nosso site sobre a possível visita na Estação de Água da Ilha do Mel em Brasília.

Temos um programa chamado Portas Abertas, que recebe semanalmente alunos das escolas para visita na estação de água, para conhecer o processo de tratamento e como usar a água com consciência, para preservação ambiental, etc.

Este programa demanda adequações de estrutura no espaço que recebe-se os visitantes, como painel ilustrativo, vídeo, conhecimento do processo in loco, profissionais habilitados para explicações técnicas e ambientais, capacetes e demais materiais para segurança dos alunos. Temos tudo isso na Estação Colônia, em Paranaguá. Nas demais unidades não temos a estrutura necessária para receber visitantes.

Portanto, gostaria de convidá-lo para conhecer o processo de tratamento aqui em Paranaguá, na Estação Colônia. Imagino que o deslocamento de tantos alunos não seja tão fácil, mas acredito que a visita será muito mais proveitosa.

Aguardo seu contato, se achar conveniente a visita aqui na Estação Colônia!

Abraços,

Li os textos dos e-mails com a turma em sala e a sugestão foi a de que fossemos então até a estação da Colônia. Durante nossa assembleia de classe¹¹ iremos discutir sobre nossas próximas atividades e possíveis saídas à campo.

Nesse mesmo dia, na sala do 9º ano do Ensino Fundamental, depois de descobrir que eles gostavam de música e composição poética, trouxe um texto que eu havia escrito sobre a Ilha do Mel a partir do papo que tivemos sobre as consequências da globalização e do sistema capitalista aqui na Ilha do Mel. Disso tudo:

E quando a coisa tá mais difícil é

Que eu sou mais teimoso

Não me pergunte o que eu

Não sei

Estou aí pra viver

O lado doce da Ilha

O Mel

Da abelha Nativa

Vamos polinizar o amor

Viver uma certa liberdade

Onde está o mel?

11As assembleias gerais de turma foi uma ferramenta pedagógica de avaliação construída como um momento de reflexão coletiva sobre o andamento das atividades letivas. Os encontros foram muito ricos e proporcionaram uma abertura maior entre a “relação professor-aluno”. Relação esta que foi construída a partir da hierarquia institucional. Em uma das assembleias pude perceber o quanto meu vocabulário está desconectado da realidade local, fato que estava dificultando nossa comunicação: Professor, você usa palavras muito difíceis as vezes acabo não entendendo nada. ”. Agradei pelo momento e comentei sobre o quanto aquele espaço de assembleia tinha me ajudado, não somente para poder melhoras os encontros com a turma, mas também contribuiu para o meu crescimento profissional como educador.

O tão prometido Mel?

Quero experimentar o néctar

Será que o Mel é uma ilusão?

O dinheiro e a ganância

Azedaram o Mel

Maldito capitalismo

Ilha capitalista

.

Será?

.

Prefiro viver nos esgotos

Em um dos encontros conversávamos sobre a alimentação na ilha e sobre como os valores de mercadoria não correspondem com a realidade financeira dos moradores locais. Normalmente os empresários que possuem estabelecimento na Ilha são Moradores de outros lugares e contratam a mão de obra do ilhéu para explorar os próprios ilhéus. Quem são os donos dos estabelecimentos comerciais da Ilha do Mel? Perguntava para eles. Que tal construirmos um mapeamento das propriedades privadas? Quem trabalha para quem? Sobre quais condições?

Desta conversa, no encontro seguinte trouxe uma matéria do Jornal Eletrônico RBA (Rede Brasil Atual): “Terrenos vazios viram fonte de alimento para comunidades da periferia de SP.”. A matéria fala sobre um projeto idealizado por Hans em 2004 no Bairro São Mateus em São Paulo. O projeto de Hans visa transformar terrenos ociosos em terra produtiva atendendo uma demanda por sustentabilidade alimentar na comunidade.

Sr. Hans e seu projeto de educação comunitária.



Fonte: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidades/2013/04/vazios-que-enchem-barriga>

A debate partiu do princípio do fortalecimento da soberania alimentar das comunidades que historicamente foram excluídas das políticas públicas sociais por um Estado que sempre privilegiou aqueles com os quais ele possui alguma articulação econômico-financeira, no caso do Brasil os grandes proprietários de terra, latifundiários. Quando falo que o dinheiro e a ganância azedaram o mel da ilha estou contextualizando exatamente essa relação de exploração capitalista que acaba com as liberdades culturais autônomas do local. A ganância que azeda a doçura da ilha. Tá pra virar música esse texto. Só quero ver.

Ainda me questiono de que maneira os conhecimentos escolares estão articulados com os conhecimentos que preservam saberes necessários para a autonomia e emancipação comunitária, diante da atual conjuntura capitalista. A escola educa ou (des)educa, alienando os sujeitos de suas próprias condições existenciais?

A construção de uma horta comunitária na Ilha do Mel possibilitaria, ao menos, que alguns dos alimentos importantes para a saúde sejam colhidos e não mais trocados por dinheiro como uma mercadoria que explora a população e o trabalhador. Na semana seguinte, em uma assembleia geral dos professores do Estado do Paraná, entramos em greve. Um momento de muita luta e tristeza na educação pública do Paraná. Demonstração de ganância e ódio sobre os que lutam pela educação!
#lutopelaeducaçãopública

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros das minhas memórias têm me ajudado muito para pensar minha ação docente junto aos educandos. O hábito do diário de campo é maravilhoso pois nos possibilita viajar no tempo através de detalhes que só as palavras podem mostrar. Senti muita falta de fotografias dessas memórias, algo que pretendo prestar mais atenção no decorrer das atividades.

Durante a finalização do texto já não consigo mais me enxergar em determinadas situações que descrevi em meus diários. Percebo que minhas subjetividades sobre a minha relação com a Ilha do Mel foram se alterando na medida em que eu me permitia sentir, cada vez mais, o sabor do mel que sempre estive na minha frente, eu é que via, mas não enxergava.

Interessante ler o que escrevemos, principalmente quando a escrita está recheada de subjetividades sobre algo que, materialmente, fisicamente é a mesma coisa, mas não tem mais o mesmo significado para mim. Eu também prefiro ser essa metamorfose ambulante.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lílían Lopes Martins. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

RAMIRES, J. **Biografia do Ventania**. Disponível em <<http://blogdoventania.blogspot.com.br/2008/02/biografia-do-ventania.html>> . Acesso em: 20/06/2015.

SIGNIFICADOS.COM. **Conceito de práxis**. Disponível em <<http://www.significados.com.br/praxis/>>. Acesso em 20/06/2015.

STOLTZ, T. **As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar**. IBPEX, 2008.

Freinet, C. **A Educação do trabalho**. Trad. Cristiane Nascimento e Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Gilberto Gil**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/?title=Gilberto_Gil>. Acesso em: 20/06/2015.

ANEXOS

01. Transcrição dos trabalhos dos estudantes.

Atividade de Auto-(Re)conhecimento

Falar de si não é uma atividade tão simples assim. Exige sensibilidade e autocrítica. Exige muitas vezes que superemos nossos medos. Exige também que nos apropriemos de nossas memórias. Propus a atividade com o intuito de começarmos a estabelecer um diálogo através da escrita. Com o passar das nossas vivências a escrita foi possibilitando a contextualização para o diálogo. Passamos então a construir relações mais dialógicas durante as aulas.

Durante a Assembleia Geral da Turma foi possível construirmos uma roda de conversa bastante harmoniosa e participativa. Onde a escrita foi subsídio para a auto-reflexão sobre o processo. Acredito que a organização desta intervenção só foi tomando sentido na medida em que eu fui relatando e sistematizando meu pensamento em forma de texto. Antes disso eu tinha a sensação de que as atividades estavam um pouco desconexas. Mas com a assembleia, com a construção de um espaço “institucionalmente participativo” houve a apropriação da fala. Houveram reflexões acerca do nosso trabalho cotidiano.

Quem sou eu?

- a) Teimosa, corajosa, alegre, determinada e grandes vontades de seguir meus objetivos e sempre com pé no chão.
- b) Sou uma garota cheia de sonhos, mas pé no chão, cheia de defeitos mas também de qualidades. Ensegura com os meus medos mas, busco forças da natureza porque eu sei que ela me traz a paz que eu mereço.
- c) Sou uma garota sincera, extrovertida, simpática, educada, e engraçada, pelo que minhas amigas dizem.
- d) Sou tímido, romântico, nervoso, teimoso. Tenho uma ótima memória.
- e) Eu sou alguém que talvez poucos querem conhecer, alguém que não se dá ao luxo de qualquer coisa.
- f) Uma pessoa sensível

O que eu não gosto?

- a) Não gosto de dar muitas satisfações sobre a minha vida.
- b) Não gosto de me sentir pressionada, nem presa, e também detesto dá satisfação.
- c) Acordar cedo, pessoas arrogantes , mentira, violência e preconceito.
- d) Falsidade e não ser correspondido.
- e) Eu não gosto de ficar sozinho, sem minhas amizades, ou sem ninguém por perto.
- f) De brigar com as pessoas que eu amo.

O que eu gosto?

- a) Viajar, festas, conhecer pessoas novas e coisas diferentes.
- b) Sair pra curtir o final de semana, com a galera, anda de bike, toma banho de mar, gosto de ir na Praia de Fora pra fica vendo o céu. As estrelas, a Lua porque ela recarrega minhas energias.

- c) Assistir a série de terror Supernatural, comer, dormir, ouvir músicas e praticar esportes.
- d) Não respondeu. A pergunta também nas estava anotada em sua folha.
- e) Eu gosto de surfar e muitas vezes sair com os amigos, também gosto de ser notado, não por “todo mundo”, mas sim pelos meus amigos.
- f) De sair ou de ficar em algum lugar com os meus amigos.

Onde estou?

- a) Por enquanto na Ilha.
- b) Em uma Ilha.
- c) Colégio.
- d) Dentro de uma bela chamada Terra.
- e) Estou em um lugar só meu, um lugar onde me sinto seguro, estou no meu quarto.
- f) Neste momento estou em uma Ilha na Baía de Paranaguá.

O que faço aqui?

- a) Moro, estudo e trabalho.
- b) Moro, trabalho, vivo convivo.
- c) Estudo e me divirto com os amigos
- d) De certo eu não sei, mas faço o possível para ser feliz.
- e) Estou fazendo minha tarefa de casa, mas geralmente o que faço aqui é me proteger das coisas absurdas, coisas que não fazem nenhum sentido pra mim.
- f) Moro, estudo e de vez enquanto trabalho.

Por que estou aqui?

- a) Porque ainda estudo.
- b) Porque ainda estou estudando.
- c) Para aprender o necessário para ter um bom futuro.
- d) Por algum motivo que ainda não descobri.
- e) Estou aqui porque não deixaria esse lugar por nada, é um lugar onde eu posso fazer o que eu quiser.
- f) Porque meus pais estão aqui.

Como é meu cotidiano?

- a) Acordar cedo, estudar, trabalhar nos finais de semana e curtir.
- b) Depende do dia, mas é que eu não gosto de programar nada. Mas de uma coisa eu tenho certeza, que eu tenho que acordar cedo todo dia para ir para o colégio.

- c) Dormir, acordar, ir pro colégio, voltar pra casa, ajudar a mãe, usar a internet e dormir de novo.
- d) Não respondeu. A pergunta também nas estava anotada em sua folha.
- e) Faço as mesmas coisas todo dia, sempre a mesma rotina, então é só.
- f) De segunda a sexta eu acordo cedo e vou pra escola. Volto e arrumo minha casa. Segunda e sexta tenho médico em Pontal do Paraná.